

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 22/01/2020.

GISLEI MARTINS DE SOUZA OLIVEIRA

**APORIAS DO TEMPO EM *INFERNO PROVISÓRIO*, DE LUIZ
RUFFATO**

**ASSIS
2018**

GISLEI MARTINS DE SOUZA OLIVEIRA

**APORIAS DO TEMPO EM *INFERNO PROVISÓRIO*, DE LUIZ
RUFFATO**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutora em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientador: Benedito Antunes

Bolsista: CAPES/PDSE/2016

ASSIS

2018

Oliveira, Gislei Martins de Souza.
O48a Aporias do tempo em Inferno Provisório, de Luiz Ruffato / Gislei
Martins de Souza Oliveira. - Assis : [s.n], 2018.
262 f.

Orientador: Benedito Antunes
Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de
Ciências e Letras.
Inclui bibliografia

1. INFERNO PROVISÓRIO. 2. Luiz Ruffato. 3. Alegorias temporais. I.
Sobrenome, Nome. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências
e Tecnologia. III. Título.

CDU 82.09

GISLEI MARTINS DE SOUZA OLIVEIRA

APORIAS DO TEMPO EM "INFERNO PROVISÓRIO", DE LUIZ RUFFATO

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutora em LETRAS. (Área de Conhecimento: LITERATURA E VIDA SOCIAL)

Data da Aprovação: 22/01/2018

COMISSÃO EXAMINADORA


PRESIDENTE: PROF. DR. Benedito Antunes - UNESP/ASSIS

MEMBROS:PROFA. DRA. Madalena Aparecida Machado - UNEMAT/PONTES E LACERDA


PROFA. DRA. Sylvia Helena Telaroli de Almeida Leite - UNESP/ARARAQUARA


PROF. DR. Alvaro Santos Simões Junior - UNESP/ASSIS


PROF. DR. Fabiano Rodrigo da Silva Santos - UNESP/ASSIS

DEDICATÓRIA

Ao Sonivaldo, porque o amor tem dessas particularidades.

Aos meus pais, Israel e Cristina, cujo amor, parafraseando João Guimarães Rosa, era de todo quilate.

Aos meus irmãos Geverson, Giseli e Geicielly.

Aos meus sobrinhos Nicolas, Thaline e Thandara.

AGRADECIMENTOS

A Deus, farol na escuridão.

Ao Professor Benedito Antunes, pela credibilidade e orientação.

Ao Professor Giorgio de Marchis, pela contribuição dada à minha pesquisa durante a bolsa-sanduíche na *Università degli Studi Roma Tre*.

Ao escritor Luiz Ruffato, pela gentileza e solicitude em me atender.

Às primas, Valéria e Maria Oliveira, pelo acolhimento em Assis/SP.

À Cristina Mascarenhas e Maicon Dias, por me ajudarem na revisão da tese.

À Larissa Ferrão e Isabela Ortega, pela amizade e apoio quando cheguei a Assis/SP para o início do meu doutoramento.

À Thais Passalacqua, pelo companheirismo em Roma.

À CAPES, que me concedeu a bolsa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE – Edital 19/2016 pelo processo 88881.132526/2016-01.

Ao Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), pela concessão do afastamento que me possibilitou realizar o sonho de fazer Doutorado.

OLIVEIRA, Gislei Martins de Souza. **Aporias do tempo em *Inferno Provisório*, de Luiz Ruffato**. 2018. 250 f. Tese (Doutorado em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

RESUMO

O trabalho propõe o estudo da coletânea de narrativas intitulada *Inferno Provisório*, de Luiz Ruffato, com o objetivo de investigar o modo pelo qual as personagens encenam a coexistência de temporalidades dissonantes entre si em um presente repleto de contradições socioculturais. A série ruffatiana é composta de cinco obras, que se apresentam da seguinte forma: *Mamma, son tanto felice* (2005a), *O mundo inimigo* (2005b), *Vista parcial da noite* (2011a), *O livro das impossibilidades* (2008) e *Domingos sem Deus* (2011b). Em vez de seguir a ordem cronológica ficcional, a abordagem considera que *Inferno Provisório* interpenetra o tempo em três sentidos distintos: na subjetivação das personagens, na estrutura narrativa e, ainda, em alegorias temporais que sugerem a transição das personagens entre as obras, cujo processo é denominado como efeito de *hiperlink*. A circulação das personagens ocorre também a partir do movimento de (i)migração, que tem início na Itália em direção à região da Zona da Mata, em Minas Gerais, e se estende aos demais Estados brasileiros, principalmente às grandes metrópoles do País. O percurso feito pelas personagens, na tentativa de garantir a subsistência, culmina na produção de uma imagem infernal da cidade de São Paulo, tendo em vista o inevitável afastamento e negação da origem. Para esse enfoque, fundamenta-se na premissa de Santo Agostinho, revisitada por autores como Frederic Jameson (1985), Gilles Deleuze (2003), Paul Ricoeur (1994; 2012; 1997), dentre outros, de que o tempo seria uma distensão da subjetividade capaz, portanto, de engendrar a arte da narração. Além disso, Zygmunt Bauman (1999) relaciona alguns fatores que contribuíram para o aumento da mobilidade no mundo contemporâneo, a saber: a internacionalização do capital, o aumento no circuito informacional e, acima de tudo, o acesso aos bens de consumo. Com a abolição das fronteiras territoriais, o homem se torna cada vez mais propenso à construção de novos significados e, conseqüentemente, ao fluxo temporal da subjetividade. Busca-se, assim, atualizar os conhecimentos produzidos sobre a materialização do tempo nas narrativas de Luiz Ruffato, as quais estão circunscritas, por uma grande parcela da crítica, ao viés de pesquisa dos espaços urbanos. Com isso, é ratificada a tese de que *Inferno Provisório* retoma o passado na tentativa de configurar a condição do homem contemporâneo, que está sempre submetido à revelia das transformações temporais.

PALAVRAS-CHAVE: *Inferno Provisório*. Luiz Ruffato. Alegorias temporais. Subjetividade contemporânea. Processos migratórios.

OLIVEIRA, Gislei Martins de Souza. **Aporie del tempo in *Inferno Provisório*, di Luiz Ruffato**. 2018. 250 f. Tesi (Dottorato in Lettere). – Università Statale di San Paolo (UNESP), Facoltà di Scienze e Lettere, Assis, 2018.

RIASSUNTO

Il lavoro propone lo studio della raccolta di narrative intitolata *Inferno Provisório*, di Luiz Ruffato, con lo scopo di investigare il modo in cui i personaggi mettono in scena la coesistenza di temporalità dissonanti tra di loro in un presente ripieno di contraddizioni socioculturali. La serie rufatiana è costituita da cinque opere, che si presentano della seguenti forma: *Mamma, son tanto felice* (2005a), *O mundo inimigo* (2005b), *Vista parcial da noite* (2011a), *O livro das impossibilidades* (2008) e *Domingos sem Deus* (2011b). Invece di seguire l'ordine cronologico fittizio, l'approccio ritiene che *Inferno Provisório* lega in lui stesso il tempo in tre sensi diversi: nella soggettività dei personaggi, nella struttura narrativa e inoltre in allegorie temporali che suggeriscono la transizione dei personaggi tra le opere, il cui processo è denominato effetto *hiperlink*. La circolazione dei personaggi si verifica anche a partire dal movimento di (i)mmigrazione, che inizia in Italia verso la regione della Zona da Mata, a Minas Gerais, e si estende agli altri stati brasiliani, soprattutto alle grandi metropoli del Paese. Il percorso fatto dai personaggi, nel tentativo di assicurare la sussistenza, culmina nella produzione di un'immagine infernale della città di São Paulo, ai fini dell'inevitabile allontanamento e negazione dell'origine. Per questo approccio, si fonda nella premessa di Santo Agostino, riveduta per autori come Frederic Jameson (1985), Gilles Deleuze (2003), Paul Ricoeur (1994; 2012; 1997), tra gli altri, di che il tempo sarebbe una distensione della soggettività capace, quindi, di produrre l'arte della narrazione. Inoltre, Zygmunt Bauman (1999) mette in relazione alcuni fattori che hanno contribuito per l'aumento della mobilità nel mondo contemporaneo, vale a dire: l'intenazionalizzazione del capitale, l'aumento nel circuito d'informazione e, soprattutto, l'accesso ai beni di consumo. Con l'eliminazione delle frontiere territoriali, l'uomo si diventa ogni volta più incline alla costruzione di nuovi significati e, pertanto, al flusso temporale della soggettività. Si ricerca, così, aggiornare le conoscenze prodotte sulla materializzazione del tempo nelle narrative di Luiz Ruffato, che sono circonscritte, per una grande parte della critica, invece l'indagine dei spazi urbani. Con questo, viene ratificata la tesi di che *Inferno Provisório* riprende il passato nel tentativo di plasmare la condizione dell'uomo contemporaneo che è sempre sottoposto in assenza delle trasformazioni temporali.

PAROLE CHIAVE: *Inferno Provisório*. Luiz Ruffato. Soggettività contemporanea. Allegorie temporale. Processi migratori.

OLIVEIRA, Gislei Martins de Souza. **Puzzlement of time in *Inferno Provisório*, by Luiz Ruffato**. 2018. 250 f. Tese (Doutorado em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

ABSTRACT

The work proposes the study of the collection of narratives entitled *Inferno Provisório*, by Luiz Ruffato, with the objective of investigating the way in which the characters bring the coexistence of dissonant temporalities among themselves in a present full of sociocultural contradictions. The ruffatiana series consists of five books, it is presented as follows: *Mamma, son tanto felice* (2005a), *O mundo inimigo* (2005b), *Vista parcial da noite* (2011a), *O livro das impossibilidades* (2008) e *Domingos sem Deus* (2011b). Instead of following the fictional chronological order, the study considers that *Inferno Provisório* interpenetrates the time in three distinct senses: in the subjectivation of the characters, in the narrative structure and in temporal allegories that suggest the transition of the personages between the books, whose process is called a *hyperlink* effect. The movement of the characters happens with the movement of (i)migration, which begins in Italy to the region of Zona da Mata, in Minas Gerais, and extends to the other Brazilian states, mainly to large metropolis of the country. The path taken by the characters to maintain subsistence, culminates in the production of an infernal image of the city of São Paulo, in view of the inevitable distance and denial of origin. For the focus, it is based on the idea of St. Augustine, revisited by authors such as Frederic Jameson (1985), Gilles Deleuze (2003), Paul Ricoeur (1994, 2012, 1997), among others, that time would be a distension of the subjectivity that, therefore, produces the art of narration. In addition, Zygmunt Bauman (1999) lists some factors that contributed to the increase of mobility in the contemporary world: the internationalization of capital, the increase in the information circuit and, above all, access to consumer products. With the abolition of territorial boundaries, the man produces new meanings and, consequently, he changes the temporal flow of subjectivity. The work seeks to update the knowledge about the materialization of time in the narratives of Luiz Ruffato, which are circumscribed, by a large part of the critic, the perspective of research of urban spaces. Thus, *Inferno Provisório* returns to the past to configure the condition of the contemporary man always submitted to the temporal transformations.

KEY WORDS: *Inferno Provisório*. Luiz Ruffato. Allegories of time. Contemporary subjectivity. Migratory processes.

*O Tempo na lamparina
queimava devagar, projetando
sombras, lembranças, perrengues
na parede. Ausente, agora,
não mais as vejo. Responde:
e tu? Tu as distingues? (RUFFATO, 2002).*

*[...] pairava uma atmosfera de genocídio e maresia que
suprimia pesadamente o tempo e comprimia as almas em teto-
baixo [...]. (MIRISOLA, 2005).*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 Luiz Ruffato e a literatura brasileira contemporânea	18
1.1 <i>Selfie</i> : Luiz Ruffato e as redes sociais	18
1.2 <i>Making of</i> : cenas de Luiz Ruffato e a profissionalização do escritor contemporâneo	26
1.3 <i>Inferno Provisório</i> no cenário da produção literária pós-moderna brasileira	48
2 Tempo e mobilidade	73
2.1 (I)migrações: o não-lugar do sujeito na roda do tempo	73
2.2 “ <i>Mas... ainda não temerei profanar o leito de minha mãe</i> ”: origens e silêncio	93
2.3 <i>O bom filho à casa torna</i> : o tempo de retorno	114
3 Tempo e utopia	131
3.1 Peregrinar ou estar fora do tempo?	131
3.2 Entre o provisório e a eternidade: projeções utópicas da metrópole	149
3.3 <i>Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa</i> : o purgatório é logo ali, em São Paulo	166
4 Tempo e identidade	183
4.1 O homem: uma máquina no tempo	183
4.2 O tempo no corpo	198
4.3 A temporalidade entre o público e o privado	220
CONSIDERAÇÕES FINAIS	233
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	237
ANEXOS	255

INTRODUÇÃO

Esse negócio do tempo é complicado, me pega por todos os lados. Pouco a pouco começo a me dar conta de que o tempo não é como uma sacola que você vai enchendo. O que estou querendo dizer é que mesmo que você modifique o que está dentro, na sacola só cabe uma determinada quantidade, nada mais. (CORTÁZAR, 2015, p. 50).

O projeto estético de Luiz Ruffato representa um marco na história da literatura brasileira pelo fato de abordar uma classe média baixa trabalhadora que, nas palavras do próprio autor, não havia sido devidamente tematizada, até então, pelos escritores do nosso país¹. De certo modo, as obras de Ruffato formulam uma linguagem voltada para as contingências da vida do trabalhador, cada vez mais, coagido por um cotidiano norteado pelos meios de produção. O resultado disso é a projeção de personagens que buscam se encaixar nos parâmetros impostos pela sociedade de consumo, mas acabam sendo frustradas diante da impossibilidade de serem aceitas por um sistema que, ininterruptamente, as excluem. Desde *eles eram muitos cavalos* ([2001] 2005), o livro mais consagrado pela crítica literária, observamos como a escrita ruffatiana encena as discontinuidades temporais com que as personagens se debatem à procura do reconhecimento social. Chamou-nos a atenção o fato de o escritor mineiro, na obra mencionada acima, construir uma imagem de São Paulo alinhada à condição existencial daqueles habitantes anônimos, que sofriam com a deriva temporal trazida por sua trajetória de (i)migração.

Ao entrarmos nas paragens infernais configuradas por Luiz Ruffato na série *Inferno Provisório*, foi possível vislumbrar um retrato bastante alegórico do nosso país, no qual a tópica da mobilidade se constitui como fulcro do tempo presente. Decidimos, então, percorrer os livros que compunham a pentalogia ruffatiana – *Mamma, son tanto felice* (2005a), *O mundo inimigo* (2005b), *Vista parcial da noite* (2006), *O livro das impossibilidades* (2008) e *Domingos sem Deus* (2011) –, procurando compreender de que modo a figuração das experiências do homem contemporâneo trazia a ruptura do tempo ficcional². Com o intuito de atualizar os

¹ A entrevista concedida por Luiz Ruffato está disponível nos anexos do nosso trabalho.

² Em 04 de novembro de 2016, Ruffato lançou uma edição econômica de *Inferno Provisório*, integrando todas os volumes que compõe a série e, ainda, reorganizando as narrativas em ordem cronológica. Mesmo com essa tentativa diacrônica, observamos a impossibilidade de ordenar a

conhecimentos produzidos sobre as narrativas de *Inferno Provisório*, defendemos a ideia de que o conteúdo referente ao trânsito de figuras migrantes estabelece fortes relações com a estrutura da série que materializa, por meio de seus diversos planos temporais, o processo desenfreado de industrialização ocorrido no Brasil a partir de 1950. A proposta de escrever sobre a trajetória de (i)migração do povo italiano para o interior do nosso país e, em sequência, aos grandes conglomerados urbanos, que estavam se formando, é esclarecida da seguinte forma pelo autor mineiro:

O imigrante, a qualquer tempo, carrega consigo a sensação de não pertencimento, fazendo com que a sua história pessoal tenha que ser continuamente refundada. Partir não é só desprender-se de uma paisagem, de uma cultura. Partir é principalmente abandonar os ossos dos antepassados, imersos na solidão silenciosa dos cemitérios. E os ossos são aquilo que nos enraízam numa história comum, feita de dor e luta, de alegrias e memórias. Rompido esse lastro, perambulamos sem saber quem somos. E se não temos autoconsciência, se permanecemos imersos na inautenticidade, não reconhecemos o estatuto do outro, do diferente de nós. E perdido esse reconhecimento, instaura-se a barbárie. A Arte serve para iluminar caminhos: e se ela modifica o indivíduo, ela é capaz de modificar o mundo. Para isso, portanto, escrevo. (RUFFATO, 2011d, p. 5-6).

Ao lermos *Inferno Provisório*, deparamo-nos com a perda de certa ordenação temporal que impede as personagens de encontrar referências que as mantenham arraigadas a uma certeza sobre o seu lugar no mundo. Temos, com isso, a procura incessante pela identidade que acaba por ser inatingível, pois as personagens parecem se deparar com o vazio e a falta de sentido diante da volubilidade temporal a que estão submetidas na cidade grande. A recorrência ao mito do inferno consistiu em uma estratégia encontrada por Luiz Ruffato como tentativa de intercalar as imagens do caos, que compõem nosso tempo presente, com a coexistência de tempos distintos que, além de fazer parte da subjetividade das personagens, ainda integra a forma narrativa em seu conjunto.

Percebemos que cada personagem busca resolver seus conflitos tentando se alinhar ao novo contexto imposto pela sociedade. Entretanto, o otimismo no progresso mostra o abismo entre um real que se choca, a todo instante, com a subjetividade de indivíduos que se sentem perplexos por não estarem coniventes a

temporalidade, já que pela própria configuração dos reveses da memória a sincronia das narrativas é mantida. Conservamos nosso foco de estudo na primeira versão de *Inferno Provisório*, pois já havíamos dado início a escrita da tese.

um padrão de vida e trabalho, cujo princípio fundamental é o de exaurir suas forças vitais. De acordo com Mike Featherstone (1995), a vida moderna e o consumo são manipulados pela ideologia de formação de uma sociedade de massas. Na expressão do teórico, seria uma estratégia empregada para difundir um modo de vida considerado mais legítimo por meio da publicidade da cultura de consumo, a qual capacitaria o sujeito a se aperfeiçoar e exprimir melhor.

Embasados em Italo Moriconi (2004) situamos a literatura brasileira pós-moderna a partir da produção ficcional e poética das gerações 70 e 90 até a atualidade. Ao definir o que viria a ser o moderno e o pós-moderno, o autor propõe:

Um exemplo: as expressões “pós-moderno” e “pós-modernista” não são rigorosamente sinônimas, embora estritamente relacionadas. Pós-moderno diz respeito ao contexto cultural globalizado pop-midiático. Já pós-modernismo é termo de periodização artística e literária. É o que vem depois do modernismo. Entre pós-modernismo e modernismo, as relações são complexas, de continuidade e descontinuidade, permanência e deslocamento. O modernismo é uma totalidade histórica. O pós-modernismo, um conjunto aberto de traços heterogêneos. (MORICONI, 2004, p. 1).

Dessa acepção, supomos que a literatura de Luiz Ruffato encena a heterogeneidade presente no mundo pós-moderno no momento em que houve o ingresso da população pobre e trabalhadora brasileira na cultura globalizada. Enquanto isso, Linda Hutcheon (1991) procura salientar a importância da problematização da história/PASSADO pelo pós-modernismo. A autora afiança que a pós-modernidade em arte propõe que “[...] as práticas culturais têm um subtexto ideológico que determina as condições da própria possibilidade de sua produção ou de seu sentido. E, na arte, ele o faz deixando visíveis as contradições entre sua auto-reflexividade e sua fundamentação histórica.” (HUTCHEON, 1991, p. 15).

Tal suporte de ideias fez-nos compreender o motivo pelo qual a série *Inferno Provisório* tem sua materialidade permeada pelos saltos e retrocessos de uma sociedade agrária que, em um estalar de dedos, desejava ser pós-industrial. A dispersão da estrutura romanesca na pentalogia ruffatiana desafia o efeito de unidade, própria do gênero literário em questão, como também evidencia a descentralização temporal do mundo contemporâneo. Para concretizar o projeto de incorporar os conflitos relacionados às mudanças do perfil socioeconômico brasileiro foi necessário, segundo Ruffato:

[...] problematizar também o conceito de romance – como acompanhar a vertigem transformadora dos últimos cinquenta anos sem colocar em xeque a própria estrutura da narrativa? Assim, cada volume é composto de várias “histórias”, unidades compreensíveis se lidas separadamente, mas funcionalmente interligadas, pois que se desdobram e se explicam e se espriam umas nas outras. Personagens secundárias, aqui, tornam-se protagonistas ali; personagens apenas vislumbradas, ali, mais à frente se concretizam. E a linguagem acompanha essa turbulência – não a composição, mas a decomposição. (RUFFATO, 2010b, p. 387).

Denominamos este recurso como efeito de *hiperlink* que se projeta na circulação/deslizamento das personagens entre as narrativas, o que mostra como a série tensiona os modos de representação propostos na tradição literária do nosso país. Logo, foi inevitável fazermos o diálogo com a *Divina Comédia* (1998), escrita entre 1304 a 1321 por Dante Alighieri, quando percebemos a relação do último círculo do Inferno dantesco com a imagem da cidade de São Paulo, consolidada na perspectiva das personagens durante a saga ruffatiana, como local de purgação dos erros cometidos por aqueles que só queriam garantir a subsistência, mas tiveram que abandonar suas origens.

Para chegar a esses pressupostos foi imprescindível fazermos um percurso teórico-analítico que abarcou desde a concepção agostiniana de tempo até autores como Frederic Jameson (1985), Gilles Deleuze (2003), Paul Ricoeur (1994; 2012; 1997), dentre outros. Esses estudiosos nos permitiram traçar o modo pelo qual o imaginário do inferno em Luiz Ruffato projetava as contradições experimentadas pelo homem contemporâneo em um tempo esfacelado, porque composto pela simultaneidade de planos históricos que se projeta na própria condição agônica da forma narrativa. Nossa abordagem, neste caso, considerou que *Inferno Provisório* interpenetra o tempo em três sentidos distintos: na subjetivação das personagens, na estrutura narrativa e, ainda, em alegorias temporais que sugerem a transição das personagens entre as obras.

Fizemos um esquema de estudo que, inicialmente, traçou a identidade autoral de Luiz Ruffato em suas diversas participações no novo cenário da literatura brasileira contemporânea, como também na performance empreendida no sistema midiático a fim de difundir o conhecimento de sua produção. Ainda, situamos a série *Inferno Provisório* no contexto do projeto literário elaborado pelo autor e que revela uma inovação quanto à estrutura romanesca na contemporaneidade. A leitura de

autores como Tânia Pellegrini (1999), Ana Cláudia Viegas (2007) e Beatriz Resende (2008) foi pertinente para entendermos que o escritor contemporâneo, um exemplo seria o próprio Luiz Ruffato, precisa recorrer a diversas estratégias de comunicação com o público-leitor a fim de promover sua identidade na dinâmica do mercado de bens culturais brasileiro. Elencamos, ainda, alguns dos desafios encontrados pelos escritores atuais no que tange à profissionalização em um circuito sociocultural permeado pelos meios de comunicação de massa. Com esse percurso, chegamos ao ponto de discutir sobre o lugar de *Inferno Provisório* no contexto da produção literária pós-moderna. Para tanto, delineamos os caracteres que revelam como a série vincula forma e conteúdo na tentativa de problematizar as aporias temporais que definem a consciência contemporânea. As considerações de Frederic Jameson (2002) realçaram nosso entendimento de que o tempo constitui o traço básico do debate pós-moderno ao mostrar como os sujeitos estão à deriva nas novas conexões com um mundo onde não mais existem limites ou fronteiras.

No próximo capítulo, desenhamos as relações entre mobilidade, trabalho e os planos temporais configurados na pentalogia do autor mineiro. Em primeiro lugar, tratamos do tempo com base em perspectivas literárias, filosóficas e culturais. Mesmo tendo certas diferenças conceituais, os autores escolhidos para fundamentar a ideia de tempo acreditam nas relações desta com a subjetividade e, consequentemente, com a arte de narrar. Dessa maneira, conseguimos perceber de que modo a série *Inferno Provisório* reconfigura o tempo tanto como recurso estético, quanto como tópica referente aos deslocamentos realizados pela população trabalhadora para as grandes metrópoles brasileiras. Temos o perfilar de personagens que migram da Itália para o interior de Minas Gerais, mas o choque sociocultural acaba sendo tão profundo que as leva à negação, ou mesmo esquecimento, da origem. Assim, vamos desvencilhando a face bárbara e obsoleta do processo migratório realizado pela busca de manter a subsistência. Observamos também como as personagens da série ruffatiana, embora optem pela mobilidade, desejam fazer o retorno a suas raízes, experimentando a sensação de ter um lugar em que possam reconhecer a si mesmo.

Já no terceiro, elucidamos as construções utópicas feitas pelas personagens quanto às metrópoles brasileiras, as afinidades entre a saga ruffatiana e a comédia dantesca, como também a configuração infernal da cidade de São Paulo. Com o estudo proposto por Leila Lehnem (2007), ampliamos nossa percepção de que a

série de Luiz Ruffato constrói a imagem do surgimento de uma cidade não-oficial formada pelo contingente de trabalhadores que se deslocam com a finalidade de ter melhores condições de vida, mas terminam à margem das políticas de zoneamento urbano. Aqueles que têm em vista a migração são seduzidos pelo discurso de que nas grandes cidades é possível enriquecer, o que vai sendo desconstruído quando se deparam com as intempéries da vida urbana. Em contraponto ao imaginário utópico e conforme o trânsito das personagens no conjunto da pentalogia, vemos surgir as alegorias infernais que trazem a representação das metrópoles do nosso país e, principalmente, da capital paulistana.

Por fim, ainda desenvolvemos uma discussão a respeito das relações da subjetividade com o tempo atual e que mostram como o controle exercido sobre o indivíduo fá-lo alcançar o devir-máquina. Sob as insígnias da produção capitalista, as personagens de *Inferno Provisório* querem vencer as barreiras temporais para serem reconhecidas por sua força de trabalho. Até mesmo os corpos são invadidos e violentados pelos mecanismos de individuação social que apenas promovem a perda do sentido da vida, a saber, a capacidade humana de construir experiências. Em Gilles Lipovetsky (2005), conseguimos delinear de que forma a sociedade pós-industrial realiza o processo de coerção por meio de um discurso sedutor que faz o sujeito acreditar que suas escolhas são livres. Com isso, chegamos também a considerar as intersecções entre o privado e o público na vida das personagens que sempre têm suas ações cerceadas pelo meio social do qual fazem parte.

Nosso roteiro de trabalho fez-nos perceber o quanto a trajetória de cada personagem em *Inferno Provisório* representa a ruptura com quaisquer fronteiras impostas pelo social e seu turbilhão de informações, que afastam a possibilidade de se ter acesso ao conhecimento de si. Sentindo-se deslocado, o sujeito tem como única opção transitar pelo mundo procurando um lugar capaz de lhe proporcionar refúgio e segurança, mesmo provisórios, como indica a adjetivação do inferno no título da série. Resulta, assim, que as figuras migrantes nada fazem além de circularem e/ou deslizarem de uma narrativa a outra, criando uma verdadeira rede ficcional em que os fios, em vez de mostrarem uma linha de fuga, se embaraçam cada vez mais. Todo o movimento delineado pela pentalogia mostra, portanto, as transformações ocorridas na história da sociedade brasileira com a entrada para um universo pós-moderno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo, que tudo vê, viu enfim também teu crime, e hoje condena esse abominável consórcio, que te fez pai com aquela de quem eras filho! (SÓFOCLES, [≅ 427 a.C.] 2002, p. 69).

Como resposta a um questionamento pretérito, a exclamação feita pelo Coro em *Édipo Rei* ([≅ 427 a.C.] 2002), de Sófocles, a respeito do ato incestuoso realça a ideia de que o tempo sempre bate à porta trazendo luz e esclarecimento. Quando Santo Agostinho reflete sobre quaisquer tentativas de promover uma definição do tempo, expõe, acima de tudo, a impossibilidade que reside na busca por apreendê-lo em sua essência metafísica. Nossa hipótese de leitura visou entender o jogo de temporalidades existente na série *Inferno Provisório*, de Luiz Ruffato, enfatizando a diferença em relação às literaturas modernas que tendem a abolir o tempo (ROSENFELD, 1976). Elaborado no seio da tradição clássica, o incesto representa, no caso de Édipo, a negação da própria origem a fim de seguir o curso da vida. Isso pode ser relacionado com as personagens da série ruffatiana que, na garantia da subsistência, tiveram que abandonar sua terra natal e ingressar no cenário da mobilidade.

Fizemos um itinerário de estudo que mostrou como a própria condição do escritor contemporâneo foi pautada por transformações referentes à arte de narrar e, ainda, ao campo de divulgação e consumo do produto literário no contexto das novas tecnologias de linguagem. Na entrevista concedida a nossa pesquisa, Luiz Ruffato delineou que o contato da *persona* autoral com o público tornou-se tão acirrado a ponto de haver um verdadeiro fetichismo para que os escritores sejam presença marcante na vida pública brasileira por meio de concursos, premiações, eventos, feiras literárias e, principalmente, de recursos digitais. Por um lado, mostramos que há muitos desafios a serem vencidos no momento em que o escritor se depara com a formação de um novo público leitor envolvido com o mundo virtual, como também com a cultura de massa que chega das vitrines internacionais, o desenvolvimento da indústria livresca e a própria profissionalização em nosso país. Por outro, algumas considerações teóricas (AVERBUCK, 1984; MORIN, 1972; MORICONI, 2006; VIEGAS, 2007) foram cruciais para entendermos como os autores tiveram de lançar mão de vários recursos que conseguissem manter a

legitimidade de sua obra junto ao público e de que forma os *mass media* democratizaram o acesso a uma cultura que era reservada apenas às elites. Sendo assim, quando Luiz Ruffato ingressa no universo *coll* das multimídias, ele permite que sua produção literária alcance uma quantidade maior de leitores.

Tratamos de resolver a querela levantada por alguns críticos em relação ao fato de Luiz Ruffato empregar uma estética realista/naturalista nas suas obras. Para tanto, recorremos a autores como Alfredo Bosi (2006) e Flora Süssekind (1984) com o objetivo de evidenciar os pontos estratégicos desses estilos na configuração de uma identidade nacional que tinha como princípio fazer o mapeamento do Brasil. Dialogando com os estudos de Beatriz Resende (2008), Heidrun Krieger Olinto (2006) e Karl Erik Schøllhammer (2011), observamos que a produção do escritor mineiro traz a realidade urbana por meio da experimentação das possibilidades de linguagem. Ruffato distancia-se, portanto, desses modelos tradicionais de escrita quando hibridiza uma polifonia de vozes que indaga sobre as imagens brutais propagadas pela nossa sociedade, trazendo à tona os problemas inerentes ao tempo presente em suas contradições históricas.

Ao intercalar referências a outras obras literárias, o discurso narrativo de *Inferno Provisório* encena o percurso de comunicação intercultural que a literatura brasileira contemporânea precisa traçar na sedução de público leitor. O efeito de *hiperlink* entre as diversas narrativas da série ruffatiana alça tal conjunto à categoria de romance, como bem define o próprio escritor ao sugerir o gênero literário ao qual sua produção está filiada. Além disso, o *hiperlink* ressalta a experiência extratemporal do acontecimento literário que, à moda proustiana, traz a dimensão do tempo da leitura como revelação da arte. Para compreendermos como esse desvelamento acontece, seguimos a proposição de Gilles Deleuze (2006) a respeito de *A la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust, que assinala o caminho do homem rumo aos limites do pensamento, como também a “busca da verdade” e o entendimento da Arte como um mundo de signos que reage contra os signos sensíveis, penetrando na opacidade da vida. Somente a arte é capaz de extrapolar os signos sensíveis e nos revelar a essência daquilo que a experiência ordinária não pode propiciar.

Sabemos com Deleuze que a aprendizagem em Proust “[...] diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados.” (2006, p. 4). Assim, o ato de aprender já é em si uma interpretação de signos ou de hieróglifos. Aquilo que ensina algo libera signos, sejam da mundanidade, do amor ou mesmo das impressões e das qualidades sensíveis, os quais, na obra de Proust, estão organizados em círculos que se impermeabilizam, formando sistemas plurais de tempos. Se, como afirma Deleuze (2006), é apenas no nível da arte que as essências são reveladas enquanto a unidade de um signo imaterial e de um sentido inteiramente espiritual que em vão procurávamos na vida, supomos que as personagens de *Inferno Provisório* enfrentam a luta de viver em um *tempo perdido*, enquanto o ato mesmo de escrita insinua o *tempo redescoberto* e, por fim, a montagem da estrutura narrativa da série delineia a procura incessante pelo tempo.

As aporias do tempo na série ruffatiana não estão relacionadas à ideia de fluxo contínuo dos fatos, mas à coexistência virtual de diversos planos temporais, que significa a condição humana no mundo atual. Com suporte no ideário de Deleuze, Peter Pál Pelbart elucida: “A arte revela a eternidade, não no sentido de uma ausência de tempo, mas como um tempo original absoluto, complicado, tempo das Essências, que não têm, diferentemente de Platão, a estabilidade e a identidade garantidas.” (2010, p. 11). Desse modo, Luiz Ruffato coloca *Inferno Provisório* em uma posição atemporal no momento em que ressignifica o contexto do movimento (i)migratório realizado em âmbito nacional, revelando as contradições de nossa formação social e ideológica. Por esse motivo, acreditamos que as personagens da série ruffatiana nunca conseguem respostas para os conflitos que as afligem, e assim a opção pela mobilidade faz com que se esqueçam de si mesmas. Contudo, nem por isso elas deixam de travar confrontos com o mundo ao seu redor, já que nunca alcançam o reconhecimento necessário para fazer parte dele.

As metrópoles brasileiras, como São Paulo, aparecem não apenas como lugar propício para que os sujeitos penitenciem a culpa por ter abandonado suas origens, mas, principalmente, para a vigência da desordem e do caos que carregam consigo. A vulnerabilidade subjetiva estende-se às condições de sobrevivência que, mesmo sendo maiores na cidade grande, são ineficientes para garantir refúgio

diante do anonimato. Desse modo, já não há mais espaço para as formações utópicas relacionadas ao progresso e ao desenvolvimento, que acabam se tornando apenas um discurso vazio, porque os indivíduos não demonstram interesse pelas mudanças históricas. A saturação das imagens vigora a ponto de fazer com que as personagens ruffatianas sigam um trajeto de deriva temporal, na medida em que estão descrentes de qualquer possibilidade de transcendência.

Os cinco volumes de *Inferno Provisório* (*Mamma, son tanto Felice*, 2005a; *O mundo inimigo*, 2005b; *Vista parcial da noite*, 2011a; *O livro das impossibilidades*, 2008; *Domingos sem Deus*, 2011b) delineiam as contravenções experimentadas por figuras migrantes que sugerem como a mobilidade passou a ser a chave de compreensão do tempo presente, sempre permeado por situações históricas que constituem uma verdadeira alegoria do inferno. Cada personagem da série é acossada pela dúvida constante de estar em trânsito ou permanência, e assim a provisoriedade passa a ser parte constitutiva do seu modo de vida. Toda vez que uma personagem decide apagar os rastros do seu passado acaba assumindo uma nova temporalidade, que, em vez de libertá-la, a mantém presa a tudo quanto queria negar. Mesmo aquelas que escolhem abandonar suas raízes se deparam com o vazio e a falta de sentido frente a uma sociedade em que não conseguem ser reconhecidas. A coexistência de tempos distintos surge, portanto, como reatualização das frustrações de nossa época, em que o sentido das experiências está se perdendo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Ulisses ou o mito e esclarecimento. In: _____. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995.

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ANICO, Marta. A pós-modernização da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, jan/jun 2005.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARENTSEN, Maria Fernanda. Migrações e nomadismo no discurso literário das Américas – duas expressões: o neoquebequense Sérgio Kokis e o mexicano Carlos Fuentes. In: RODRIGUES, Helenice; KOHLER, Heliane (orgs.). **Travessias e cruzamentos culturais**: a mobilidade em questão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

AVERBUCK, Ligia. Da Página Impressa ao Vídeo: a Literatura, o Escritor e a Televisão. In:_____ (org.). **Literatura em Tempo de Cultura de Massa**. São Paulo: Nobel, 1984.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Graus Editora, 2005.

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. Trad. Marcelo Coelho. São Paulo: Editora Ática, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. Formas de tempo e de cronotopo no romance. In:_____. **Questões de literatura e estética – a teoria do romance**. São Paulo: Unesp, 1998.

BARBOSA, João Alexandre; RODRIGUES, Antônio Medina; SCHNAIDERMAN. Estudos sobre o tempo: o tempo na literatura. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/estudo-sobre-o-tempo-o-tempo-na-literatura>. Acesso em: 05 set. 2013.

BARRETO, Francismar Ramírez. **Uma fábula no compasso da História – estudo para *Inferno Provisório* em seis atos** – Tese (Doutorado em Literatura). – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

BAUDRILLARD, Jean. O mais belo objecto de consumo: o corpo. In:_____. **A sociedade de consumo**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama; Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Globalização – as consequências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Tempos líquidos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BEIGUELMAN, Paula. **A crise do escravismo e a grande imigração**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio P. Rouanet; Prefácio: Jeanne M. Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BIGNOTTO, Newton. Dante e a questão republicana. **Síntese Nova Fase**. v. 18. n. 53, 1991.

_____. A condição humana. In: NOVAES, Adauto (org.). **Poetas que pensaram o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. A contingência do novo. In: NOVAES, Adauto (org.). **A condição humana – as aventuras do homem em tempos de mutações**. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC SP, 2009.

BOLLE, Willi. **Fisionomia da Metrópole Moderna**: Representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

BOSI, Alfredo. O encontro dos tempos. In: _____. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras operárias. Petrópolis: Vozes, 1972.

[BUZZINI, Patrícia Reis. Entrevista com escritor Luiz Ruffato. **Diário da Região**. São José do Rio Preto, out. 2015. Disponível em: <http://www.diariodaregiao.com.br/blogs/entrelivrosepalavras/entrevista-com-escritor-luiz-ruffato-1.370460>. Acesso em: 03 jan. 2016.](http://www.diariodaregiao.com.br/blogs/entrelivrosepalavras/entrevista-com-escritor-luiz-ruffato-1.370460)

CADEMARTORI, Ligia. Jogos com o tempo. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 6. Brasília, abril de 2000, pp. 13-7.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 2. ed. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*. **Revista do Instituto de estudos brasileiros**, n. 8, São Paulo, USP, 1970.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. De cortiço a cortiço. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, n. 30, São Paulo, jul. 1991.

_____. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **Os parceiros do rio bonito – estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CASTRO, Márcia Carrano. **A construção do literário na prosa narrativa de Luiz Ruffato**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CERQUEIRA, Rodrigo da Silva. **Estamos sempre indo para casa**: breve análise do *Inferno Provisório*, de Luiz Ruffato. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2010.

CHAUÍ, Marilena. O mito fundador. In: _____. **Brasil – mito fundador e sociedade autoritária**. Rio de Janeiro: fundação Perseu Abramo, 2001.

CHIARA, Ana Cristina. O real cobra seu preço. In: OLIVEIRA, Ana Lúcia M. de. **Linhas de fuga**: trânsitos ficcionais. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

COELHO, Teixeira. **O que é utopia**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

COHEN, Jeffrey Jerome A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Pedagogia dos monstros – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

COMPANHIA DO FEIJÃO. mire veja (2003). Disponível em: <http://www.companhiadofeijao.com.br/espetaculos-2/mire-veja/>. Acesso em: 30 set. 2014.

COMPANHIA DO FEIJÃO. Espetáculo Mire Veja. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vMuMoMZxaR0>. Acesso em: 05 out. 2014.

CORTÁZAR, Julio. **A auto estrada do sul e outras histórias**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Ética e simpatia: o olhar do narrador em contos de Luiz Ruffato. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.

_____. Mobilidades literárias: migração e trabalho. **Ipotesi**. Juiz de Fora, v.16, n.1, jan./jun. 2012. DANTE. **A Divina Comédia**. São Paulo: Editora 34, 1998.

DALCASTAGNÈ, Regina. Renovação e permanência – o conto brasileiro da última década. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 11, Brasília, janeiro/fevereiro de 2001. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2239>. Acesso em: 14 abr. 2014.

_____. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2123/1687>. Acesso em: 14 abr. 2014.

DEALTRY, Giovanna. Cidades em ruínas: a história a contrapelo em *Inferno Provisório*, de Luiz Ruffato. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 34, Brasília, jul./dez., 2009.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. A literatura e a vida – 1993. **Dossiê Gilles Deleuze**. Disponível em: http://www.freewebtown.com/polis_contemp/Gilles%20Deleuze%20A%20literatura%20e%20a%20vida.pdf. Acesso em: 03 jan. 2008.

_____. A repetição para si mesma. In: _____. **Diferença e repetição**. 2. ed. Trad. Luiz Orlandi; Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2006a.

_____. **Proust e os signos**. Trad. Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

EAGLETON, Terry. Introdução: O que é literatura? In: _____. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

EULALIO, Alexandre. “Porque é pobre pague tudo”. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 1, n. 2, São Paulo, abr. 1982.

FADUL, Anamaria. Literatura, Rádio e Sociedade: Algumas Anotações Sobre a Cultura na América Latina. In: AVERBUCK, Ligia. (org.). **Literatura em Tempo de Cultura de Massa**. São Paulo: Nobel, 1984.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. Trad. Julio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERNANDES, Rinaldo de. Entrevista exclusiva com Luiz Ruffato. **Blog da Beleza – por Rinaldo Fernandes**. Paraíba, abr. 2008. Disponível em: http://rinaldofernandes.blog.uol.com.br/arch2008-04-27_2008-05-03.html. Acesso em: 30 set. 2014.

FOUCAULT, Michel. A Linguagem ao Infinito. In: _____. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. [org: Manoel de Barros da Motta; tradução: Inês A. D. Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

[G1 – ZONA DA MATA](#). Diretor de “O Rebu” encerra gravação de seu primeiro filme em Cataguases. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2014/11/diretor-de-o-rebu-encerra-gravacao-de-seu-primeiro-filme-em-cataguases.html>. Acesso em: 14 jan. 2015.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Dizer o tempo. In: _____. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

_____. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GENETTE, Gérard. **Discurso da Narrativa – ensaio de método**. Lisboa: Arcádia, 1979.

GIL, José. Metafenomenologia da monstrosidade: o devir-monstro. In: SILVA. Tomaz Tadeu (org.). **Pedagogia dos monstros – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GOMES, Renato Cordeiro. Móviles urbanos: eles eram muitos. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.

_____. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

GRUNNAGEL, Christian; WIESER, Doris. “O Brasil é um país extremamente machista”: entrevista com Luiz Ruffato. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 45, jun. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182015000100383&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 set. 2014.

HANSEN, João Adolfo. **O ó**: a ficção da literatura em *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Hedra, 2000.

[HOLANDA, Heloísa Buarque de. Literatura com um projeto. **Revista Z cultural**. Rio de Janeiro, mar. 2006. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/literatura-com-um-projeto-entrevista-com-heloisa-buarque-de-holanda/>. Acesso em: 03 jan. 2016.](http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/literatura-com-um-projeto-entrevista-com-heloisa-buarque-de-holanda/)

HOSSNE, Andrea Saad. Degradação e acumulação: considerações sobre algumas obras de Luiz Ruffato. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ISER, Wolfgang. Ato de fingir. In: _____. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996a.

_____. Mímeses e performance. In: _____. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996b.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernidade e sociedade de consumo*. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 12, jun. 1985.

_____. **Pós-Modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio.** 2. ed. Trad. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Editora Ática, 2002.

JARDINI, Tereza. Ruffato: as flores artificiais e o ponto de vista. In: SILVA, Maurício; COUTO, Rita (orgs.). **Fantasia & Outras Histórias: A Ficção de Luiz Ruffato.** São Paulo: Big Time Editora, 2016.

JEANPIERRE, Laurent. O lugar da exterritorialidade. In: RODRIGUES, Helenice; KOHLER, Heliane (orgs.). **Travessias e cruzamentos culturais: a mobilidade em questão.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

KAPLAN, E. Ann. Feminismo/Édipo/Pós-modernismo: O caso da MTV. In: _____ (org.). **O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

KEHL, Maria Rita. As máquinas falantes. In: NOVAES, Adauto (org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KOHLER, Heliane. Interações verbais, interculturais e percepções do personagem-narrador migrante em Caio Fernando Abreu. In: RODRIGUES, Helenice; KOHLER, Heliane (orgs.). **Travessias e cruzamentos culturais: a mobilidade em questão.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

KUNZRU, Hari. Genealogia do Ciborgue. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LAJOLO, Marisa. Uma paulicéia pra lá de desvairada. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato.** Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.

LE GOFF, Jacques. **O nascimento do purgatório.** 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

_____. **Por amor às cidades.** Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

LEHNEN, Leila. Os não-espços da metrópole: espaço urbano e violência social em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.).

Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.

LEITE, Sylvia Helena Telaarolli de Almeida. Humor e representação em romances de Luiz Ruffato. In: Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética, 12, 2011, Curitiba, PR. **Anais eletrônicos...** Curitiba, PR: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2011. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0830-1.pdf>.

Acesso em: 03 fev. 2015.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LIMA, Luiz Costa. Versão solar do patriarcalismo: *Casa-grande & senzala*. In: _____. **A aguarrás do Tempo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

Introdução Geral da Comunicação e Cultura de Massa. In: _____. (org.). **Teoria da cultura de Massa.** 5. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio:** ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manole, 2005.

LOBO, Rosana Corrêa. Da roça à periferia decadente sem escalas: uma interpretação do Brasil em *Inferno Provisório*. In: SILVA, Maurício; COUTO, Rita (orgs.). **Fantasia & Outras Histórias:** A Ficção de Luiz Ruffato. São Paulo: Big Time Editora, 2016.

LYOTARD, Jean-François. **O inumano – considerações sobre o tempo.** Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **O Instante Eterno:** o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. Trad. Rogério de Almeida, Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. **Notas sobre a pós-modernidade:** o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântida, 2004.

[MAGALHÃES, Renata. Confira as estreias da semana no circuito teatral. **Veja Rio.** Rio de Janeiro, abr. 2017. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cultura-lazer/confira-as-estreias-da-semana-no-circuito-teatral/>. Acesso em: 18 de ago. 2017.](https://vejario.abril.com.br/cultura-lazer/confira-as-estreias-da-semana-no-circuito-teatral/)

MARCHIS, Giorgio de. Narrar uma Cidade Obscena. **AFLUENTE**, UFMA/Campus III, v.1, n.2, jul./set. 2016. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/5828>.

Acesso em: jan. 2017.

MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. **O Visconde de Taunay e os fios da memória**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MELLO, Jefferson Agostini. Permanência do Provisório. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 74, 2006.

MEYERHOFF, Hans. *O tempo na literatura*. São Paulo: Mc-Graw Hill do Brasil, 1976.

MIRISOLA, Marcelo. Rio Pantográfico. In: _____. **Notas da arrebentação**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

MOLES, Abraham A.. Doutrinas sobre a Comunicação de Massas. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da cultura de Massa**. 5. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.

MORE, Thomas. **Utopia**. LOGAN, George M.; ADAMS, Robert M. (orgs.). Trad. Jefferson L. Camargo e Marcelo B. Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORICONI, Italo. **A provocação pós-moderna – razão histórica e política da teoria de hoje**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

_____. Circuitos contemporâneos do literário. **Gragoatá**, v. 20, 2006. Disponível em: <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/331>. Acesso em: 15 ago. 2008.

_____. A problemática do pós-modernismo na literatura brasileira (Uma introdução ao debate). **Cadernos da ABF**, Rio de Janeiro, n. 1, v. 3, fevereiro/março de 2004. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/volume3/numero1/02.htm>. Acesso em: 20 jul. 2012.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NAVAS, Diana. A (con)fluência dos gêneros em *eles eram muitos cavalos* de Luiz Ruffato. In: SILVA, Maurício; COUTO, Rita (orgs.). **Fantasia & Outras Histórias: A Ficção de Luiz Ruffato**. São Paulo: Big Time Editora, 2016.

NOVAES, Adauto. Crepúsculo de uma civilização. In: _____ (org.). **Civilização e Barbárie**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. Entre dois mundos. In: _____ (org.). **A condição humana – as aventuras do homem em tempos de mutações**. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC SP, 2009.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

[O TEMPO – MAGAZINE. O retorno do cinema à fonte. Disponível em: http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/o-retorno-do-cinema-%C3%A0-fonte-1.747632. Acesso em: 05 out. 2014.](http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/o-retorno-do-cinema-%C3%A0-fonte-1.747632)

OLINTO, Heidrun Krieger. Experimentos atuais da arte de narrar. **Itinerários**, Araraquara, n. 24, 2006.

OLIVEIRA, Vera Lúcia de. Eles eram tantos corações, corpos, consciências. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.

PARDO, Carmen Villarino. Eles eram muitos cavalos no(s) processo(s) de profissionalização de Luiz Ruffato. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Cenários em ruínas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado. Imagens de tempo em Deleuze**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PELLEGRINI, Tânia. Aspectos da produção cultural brasileira contemporânea. **Crítica Marxista**, São Paulo, Brasiliense, v.1, n. 2, 1995.

_____. **A imagem e a letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1999.

_____. Realismo: postura e método. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 4, dez. 2007.

PEREIRA, Helena Bonito. Um paradoxal mundo em movimento: *Inferno Provisório* de Luiz Ruffato. In: SILVA, Maurício; COUTO, Rita (orgs.). **Fantasia & Outras Histórias: A Ficção de Luiz Ruffato**. São Paulo: Big Time Editora, 2016.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Uma escolha profissional**: Luiz Ruffato. Revista de Língua Portuguesa, v. 9, 2014.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Prefácio. In: HARDMAN, Francisco Foot. (Org.). **Morte e progresso**: cultura brasileira como apagamento de rastros. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

POUILON, Jean. **O tempo no romance**. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

PRETI, Dino. O Regionalismo. Visconde de Taunay. In:_____. **Sociolinguística**: os níveis de fala, um estudo do diálogo na literatura brasileira. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

PUENTE, Fernando Rey. **O tempo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

RAMOS, Julio. *Maquinações* literatura e tecnologia. In:_____. **Desencontros da modernidade na América Latina**: literatura e política no século 19. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

RIBEIRO, Darcy. Introdução. In:_____. **O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICCIARDI, Giovanni. Pedras para um mosaico. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (tomo 1). Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

_____. **Tempo e narrativa**: a configuração do tempo na narrativa de ficção (tomo 2). Trad. Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **Tempo e narrativa** (tomo 3). Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 1997.

RODRIGUES, Helenice; KOHLER, Heliane. Introdução teórica. In:_____(orgs.). **Travessias e cruzamentos culturais**: a mobilidade em questão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSA, Gian Luigi de. Uma trilogia em busca de autor: Luiz Ruffato e a alteridade. In: SILVA, Maurício; COUTO, Rita (orgs.). **Fantasia & Outras Histórias**: A Ficção de Luiz Ruffato. São Paulo: Big Time Editora, 2016.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In:_____. **Texto/Contexto**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ROUANET, Sérgio Paulo. O homem-máquina hoje. In: NOVAES, Adauto (org.). **O homem-máquina**: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RUFFATO, Luiz. **As máscaras singulares**. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. **Mamma, son tanto felice** (Inferno Provisório; 1). Rio de Janeiro: Record, 2005a.

_____. **O mundo inimigo** (Inferno Provisório; 2). Rio de Janeiro: Record, 2005b.

_____. **eles eram muitos cavalos**. São Paulo: Boi-tempo, 2005c.

_____. **O livro das impossibilidades** (Inferno Provisório; 4). Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. Entrevista 27/04/2008 Rinaldo de Fernandes. Disponível em: http://rinaldofernandes.blog.uol.com.br/arch2008-04-27_2008-05-03.html. Acesso em: 07 abr. 2014.

_____. **Estive em Lisboa e lembrei de você**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. Da impossibilidade de narrar. Discurso apresentado no 4 Assises internationales du roman, Lyon, França, 24-30 maio 2010a. Disponível em:

<http://www.conexoesitaucultural.org.br/wp-content/uploads/2010/05/da-impossibilidade-de-narrar.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2013.

_____. Meu Projeto literário. **Teresa – Revista de Literatura Brasileira**, São Paulo, 2010b.

_____. **Vista parcial da noite** (Inferno Provisório; 3). 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011a.

_____. **Domingos sem Deus** (Inferno Provisório; 5). Rio de Janeiro: Record, 2011b.

_____. Literatura e cultura na América Latina. **Revista Línguas & Letras**, 2011c.

_____. Até aqui, tudo bem! Água Da Palavra. **Revista de Literatura e Teorias**. n. 3, mar. 2011d.

_____. **Flores artificiais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014a.

_____. **Minha primeira vez**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014b.

_____. **De mim já nem se lembra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SÁ, Lucia. Dividir, multiplica, repetir: a São Paulo de Luiz Ruffato. HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.

SÁ, Olga. “Que é, pois, o tempo?” (Santo Agostinho). **Kalíope**, São Paulo, ano 7, n. 14, p. 100-107 jul./dez., 2011.

SADE, Donatien Alphonse François, conde de. Nota sobre romances ou A arte de escrever ao gosto do público. In:_____. **Os crimes do amor e A arte de escrever ao gosto do público**. Trad. Magnólia Costa Santos. Porto Alegre, RS: L&PM, 2001.

SALLES, Cecília Almeida. Um nove de maio qualquer. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.

SANTIAGO, Silviano. Literatura e cultura de massa. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 38, São Paulo, mar. 1994.

_____. O cosmopolitismo do pobre. In:_____. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004a.

_____. Uma literatura Anfíbia. In:_____. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004b.

SANTINI, Juliana. Romance e realidade na ficção brasileira contemporânea. **Revista Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n.39, Brasília, jan./jun. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182012000100006. Acesso em: 13 ago. 2014.

SANTO AGOSTINHO. *O homem e o tempo*. In:_____. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-modernidade**. 7. ed. Edições Afrontamento, 1999.

SENNETT, Richard. O impacto do capitalismo industrial na vida pública. In:_____. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. **Carne e Pedra – o corpo e a cidade na civilização ocidental**. 3. ed. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **A corrosão do caráter**. 14. ed. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Franklin Leopoldo e. A invenção do pós-humano. In: NOVAES, Adauto (org.). **A condição humana – as aventuras do homem em tempos de mutações**. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC SP, 2009.

SILVA, Maurício. Percursos pós-modernistas: hibridismo e simulação em *Flores artificiais* de Luiz Ruffato. In: SILVA, Maurício; COUTO, Rita (orgs.). **Fantasia & Outras Histórias: A Ficção de Luiz Ruffato**. São Paulo: Big Time Editora, 2016.

_____; COUTO, Rita (orgs.). Apresentação. In:_____. **Fantasia & Outras Histórias: A Ficção de Luiz Ruffato**. São Paulo: Big Time Editora, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu. Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da pedagogia crítica. In:_____(org.). **Pedagogia dos monstros – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000a.

_____. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: _____(org.). **Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b.

SCHITTINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Fragmentos do real e o real do fragmento. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.

_____. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SCHWARZ, Roberto. A nota específica. In: _____. **Seqüências brasileiras: ensaios**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

_____. As idéias fora do lugar. In: _____. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

_____. Nacional por subtração. In: _____. **Que horas são? Ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

_____. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SOARES, Vera Lucia. Travessias culturais e identitárias na narrativa de Milton Hatoum. In: RODRIGUES, Helenice; KOHLER, Heliane (orgs.). **Travessias e cruzamentos culturais**: a mobilidade em questão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

SÓFOCLES. *Édipo Rei – Antígona*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

SZACKI, Jerzi. **As utopias ou a felicidade imaginada**. Trad. Rubem César Fernandes. São Paulo: Paz e Terra, 1972.

SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TARKOVSKIAEI. Andreaei Arsensevich. **Esculpir o tempo**/Tarkovski; Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TELLES, Vera da Silva. *Pobreza e cidadania: dilemas do Brasil contemporâneo*. Caderno CHR, Salvador, n. 19, 1993.

THOMAZ, Daniel Mandur. Luiz Ruffato: "literatura é compromisso." Porto Alegre, mar. 2015. Disponível em: <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Cultura/Luiz-Ruffato-Literatura-e-compromisso-/39/33164>. Acesso em: 03 jan. 2016.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Trad. Miguel Salazar. Buenos Aires: Paidós Ibérica, 2000.

VERGUEIRO, Laura. Os vadios do séc. XVIII. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 1, n. 2, São Paulo, abr. 1982.

VERNANT, Jean-Pierre. Aspectos míticos da memória. In: _____. **Mito e pensamento entre os gregos**: Estudos de psicologia histórica. Trad. Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VIEGAS, Ana Cláudia. Diários na rede – escrita contemporânea entre vida e obra, tela e página. **Revista Matraca**. Rio de Janeiro, ano 12, n. 17, jan/dez 2005.

_____. Em cena, o autor – *performances* do escritor na atualidade. In: XI Encontro Regional da Abralic, 2007, São Paulo. **Anais do XI Encontro Regional da Associação Brasileira de Literatura Comparada - Literatura, Artes, Saberes**. São Paulo, 2007.

VIEIRA, Nelson H.. O desafio do urbanismo diferencial no romance de Luiz Ruffato: espaço, práxis e vivência social. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Anonimato e resistência em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. In: HARRISON, Marguerite Itamar (org.). **Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.

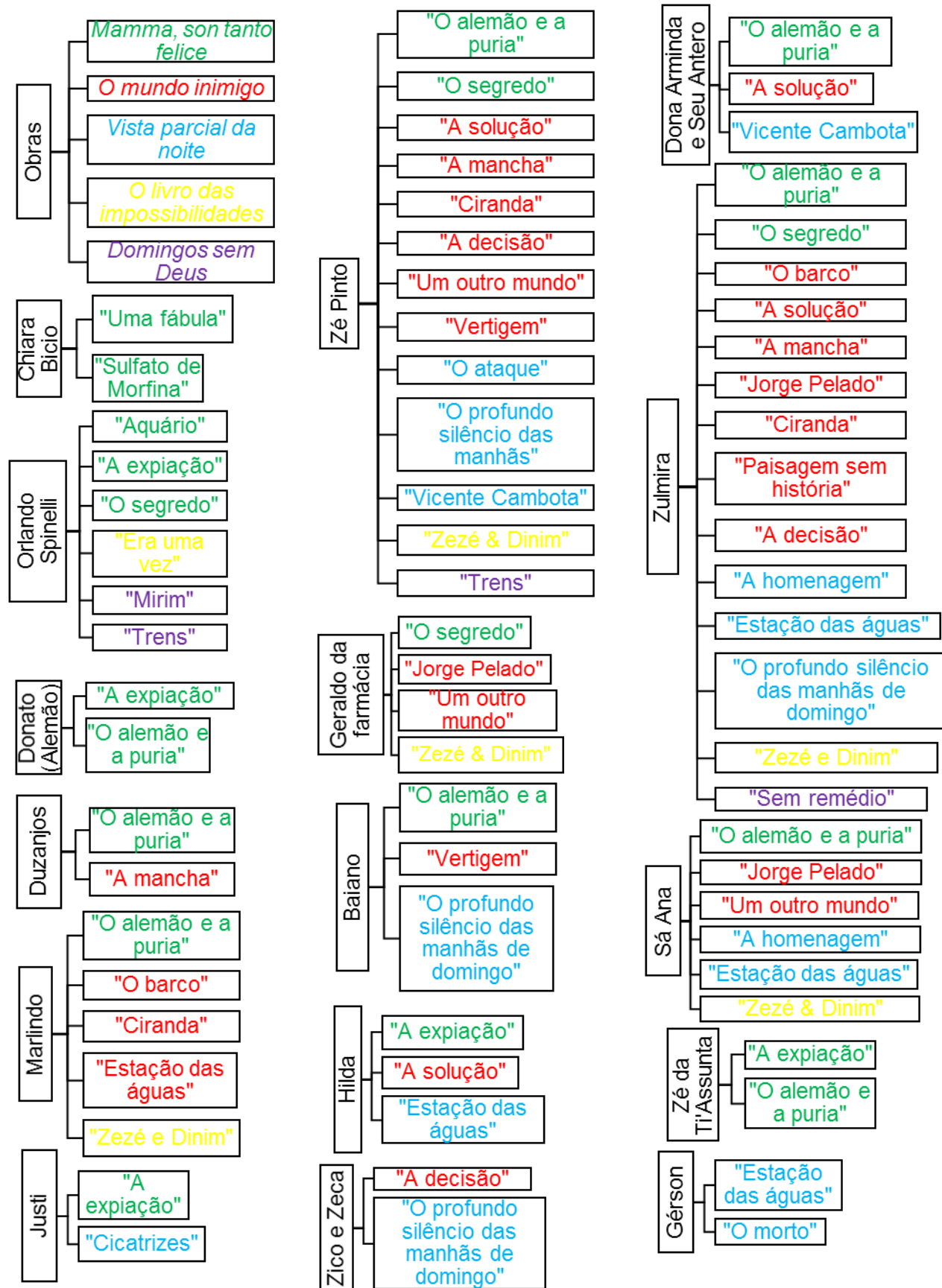
ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

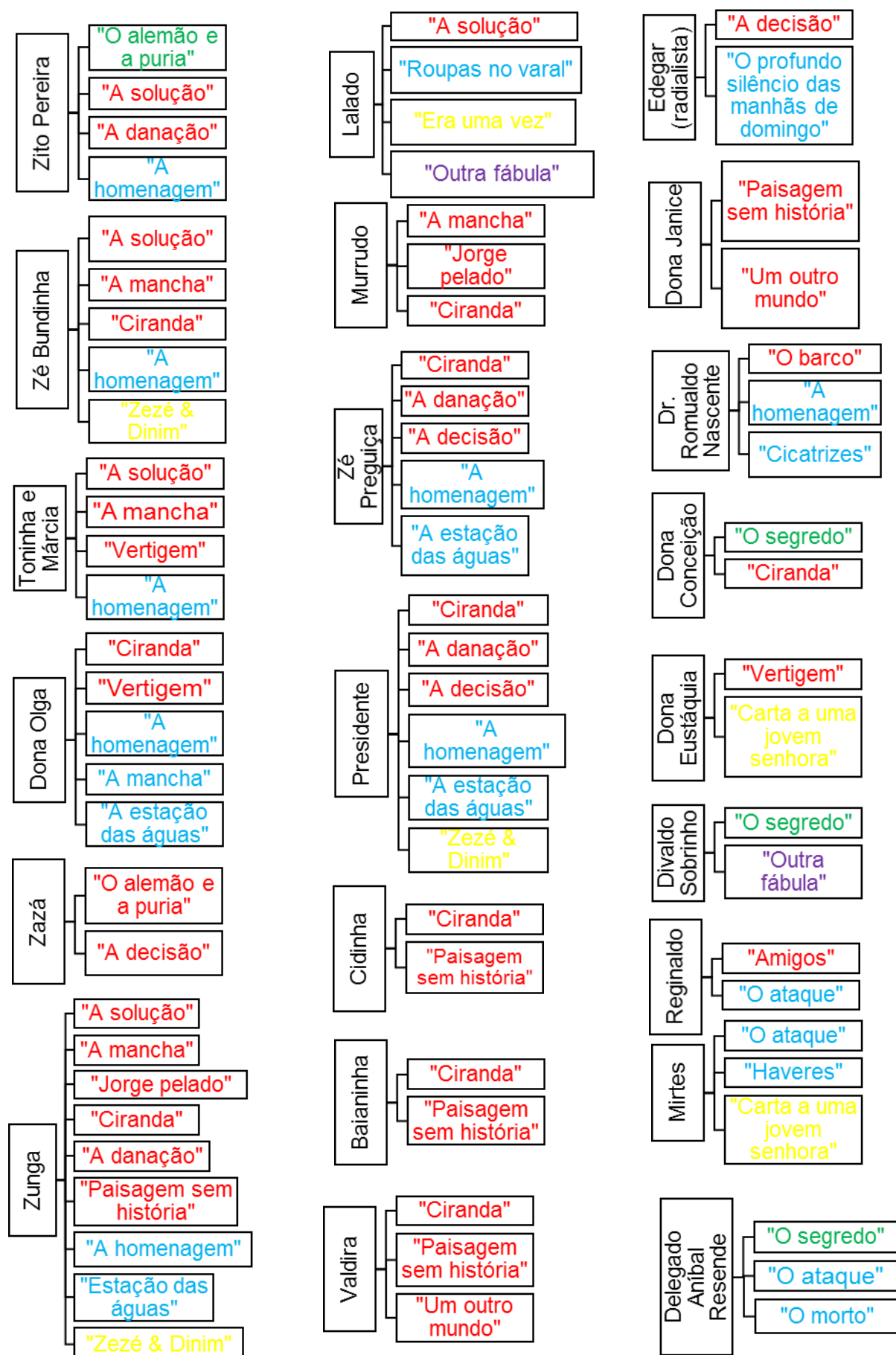
ZILBERMAN, Regina. A literatura e o Apelo das Massas. In: AVERBUCK, Ligia. (org.). **Literatura em Tempo de Cultura de Massa**. São Paulo: Nobel, 1984.

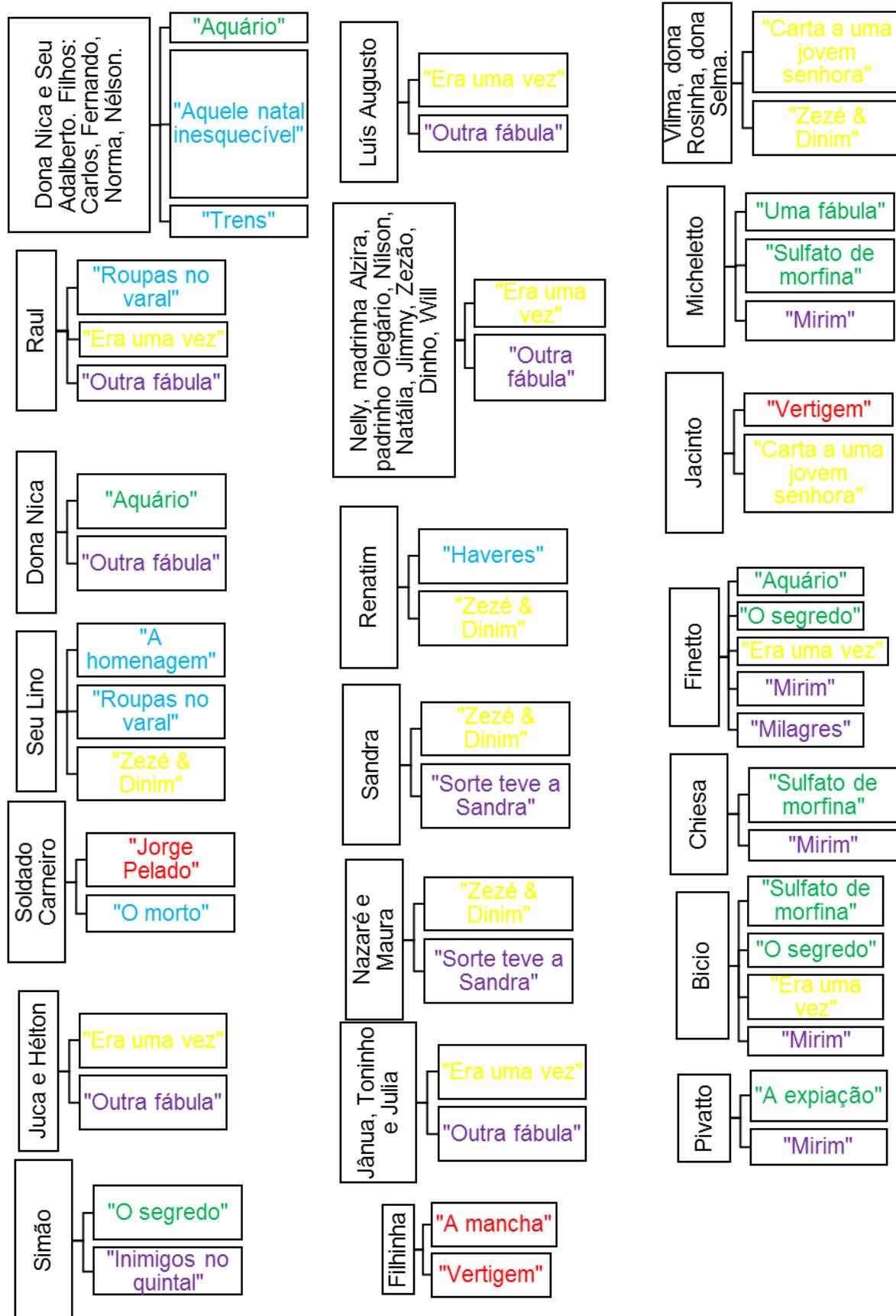
_____. Desafios da literatura brasileira na primeira década do séc. XXI. **Nonada Letras em Revista**, n. 15, Porto Alegre, 2010.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: 2004.

ANEXOS







Entrevista com Luiz Ruffato – 23/06/17

- 1- Qual o seu posicionamento em relação a essa presença da figura autoral junto ao público na contemporaneidade?

Embora isso pareça algo bastante contemporâneo, já havia no Brasil, no final do século XIX, alguns autores que ganhavam a vida fazendo leitura de poemas, como o Olavo Bilac, por exemplo, além de outros que faziam, de alguma maneira, esse trabalho de conversar com os leitores. Acontece que, em um determinado momento em nosso país, a perspectiva de que o escritor é um profissional e que, portanto, busca estabelecer relações com o leitor, se tornou um pouco nublada. De alguma maneira, no final do século XX, foi a minha geração que retomou essa prática. O ponto positivo nessa aproximação com os leitores é que o escritor participa da vida intelectual do seu país. Por outro lado, a parte ruim é que, quando você se submete a fazer esse tipo de trabalho, acaba perdendo o tempo que poderia ser dedicado para a tarefa de escrever e, ainda, que os escritores acabam se tornando parte de um espetáculo. Hoje há o paradoxo de que o leitor conhece o escritor, mas nunca leu sequer uma obra dele. Muitas pessoas vão aos festivais literários, por exemplo, só para marcar presença, e não propriamente para discutir ou ler os livros. Contudo, como escritor profissional, não posso abrir mão desse tipo de trabalho, que é parte do meu rendimento.

- 2- Você considera que sua obra esteja inserida no rol da literatura brasileira pós-moderna?

Primeiramente, tenho certo desconforto com esse conceito, porque quando se pensa em definir a pós-modernidade na literatura, vê-se que obras anteriores a esse período apresentam características que podem ser consideradas pós-modernas. O livro *Dom Quixote*, por exemplo, está cheio de evidências de pós-moderno. Posto isso, considero que eu não me sinto dialogando com os meus colegas contemporâneos, por razões de conteúdo e de forma. Em termos de conteúdo, não vejo que a literatura brasileira traga essa classe média baixa que está presente nos meus livros. A literatura brasileira é muito rica em discutir aspectos da classe média alta, da classe média média e dos marginais ou bandidos. Entretanto, a classe que representa a maioria da população brasileira, que é a classe média baixa, ainda não foi devidamente configurada na nossa literatura. Por outro lado, do ponto de vista formal, entendo que cada um dos meus livros tem uma estrutura específica em

relação ao conteúdo. Nenhuma obra minha se parece com a outra em termos formais, mas sim em termos de conteúdo. Por exemplo: *De mim já nem se lembra* vai dialogar com a epistolografia; *Estive em Lisboa e lembrei de você*, com um falso romance-documentário e, até mesmo, com a fórmula de *A comédia humana*, do Balzac; *eles eram muitos cavalos* vai se relacionar com o romance de vanguarda do final do século XIX. Não percebo que haja esse tipo de preocupação por parte dos meus colegas contemporâneos. Por isso me sinto fora desse cenário.

3- *Inferno Provisório* dá visibilidade a uma parte do nosso país silenciada pelo discurso oficial. Como você compreende esse efeito cartográfico no que diz respeito à sua terra natal?

A referência ao termo cartografia torna-se interessante porque a base de *Inferno Provisório* constitui o espaço não apenas geográfico, mas sim imaginário. Isso porque estava preocupado não só em estabelecer um mapa da cidade de Cataguases, mas principalmente das personagens. Evidentemente, contei com um lance de sorte, pois Cataguases, embora esteja localizada no interior de Minas Gerais, é uma cidade industrial desde o começo do século XX. Portanto, ela cresceu com uma estrutura social completamente diferente das cidades circunvizinhas e, assim, muito próxima do que era o Brasil à época. Então, Cataguases funcionou quase como um microcosmo do nosso país pelo fato de que se desenvolveu rodeada por um mundo rural, como São Paulo. A grande questão que vai perpassar *Inferno Provisório* é a seguinte: como essa violentíssima mudança ocorrida no Brasil, que passa de uma condição rural para uma pós-industrial, vai interferir na subjetividade das personagens? O que me interessa é justamente isso: de que maneira o Brasil se tornou o que é hoje (pós-industrial)? Então, essa classe média baixa que está descrita em *Inferno Provisório* viria a ter uma importância política fundamental no século XXI. O livro termina em 2002, ano em que Lula ganha as eleições presidenciais, ou seja, quando essa classe média baixa presente na série vai ser a de quem toma o poder logo em seguida. De alguma maneira também, considero que está ali toda a não-ilusão de quem eram essas pessoas, no sentido de achar que havia antes uma literatura, digamos assim, engajada, que colocava a classe média trabalhadora como heroica ou grande personagem das mudanças.

4- Em certa entrevista, você coloca que haveria uma cronologia em *Inferno Provisório*. Nesse caso, como pode ser vista a movimentação das

personagens entre as diversas obras da série, que, na nossa interpretação, denominamos de efeito de *hiperlink* que vai agrupar os cinco livros no romance maior, *Inferno Provisório*?

A construção do livro se deveu a muitas leituras anteriores. O *Inferno Provisório* foi o primeiro livro que pensei em escrever na minha vida. Quando havia acabado de entrar na Faculdade de Comunicação em Juiz de Fora tive um *insight* e disse que, se algum dia eu fosse escrever algo de ficção, iria tratar da classe média trabalhadora. Só que também estava muito claro que o conteúdo devia ter uma relação com a forma. O mais importante seria como escrever um romance sobre a classe média baixa, pois as poucas vezes em que ela foi tratada na literatura, a meu ver, foi bastante desinteressante. Ao longo da minha trajetória, quando não escrevi absolutamente nada e fiquei só estudando, pensei no que havia de fazer para construir esse livro sem incorrer nos erros que acreditava haver em outras obras. Por esse motivo, foi fundamental a produção de *eles eram muitos cavalos*, pois essa obra funcionou como uma espécie de caderno de exercícios formais no qual experimentei as diversas maneiras de narrar. Assim, tentei trabalhar com todas as possibilidades de formas narrativas que havia naquele momento. Quando terminei *eles eram muitos cavalos*, entendi qual seria a estrutura narrativa a ser empregada na pentalogia, que deveria ser fragmentária e passar por uma construção ao estilo balzaquiano. As mesmas experiências vividas pelas personagens mostram-se, como na vida, tão importantes para algumas quanto insignificantes a outras. Então, a ideia básica de *Inferno Provisório* vai nascer de *eles eram muitos cavalos* e com base muito no que aprendi com o Balzac. O escritor francês chegou a recompor *A comédia humana*, e eu segui a experiência dele com um detalhe incomum, que é a configuração da classe média baixa. Esse recurso denomino de realismo capitalista porque o sujeito passa a ser o princípio da narrativa.

